



Empresas e Inovação

Portugal está tecnologicamente atrasado, em comparação com os restantes países da Comunidade Europeia. Esta evidência, reconhecida aliás ao nível governamental (quanto mais não seja para criar condições propícias a benéficos apoios financeiros da CEE para modernização das estruturas socioeconómicas) tem menos a ver com a qualificação científica e tecnológica de muitos dos nossos profissionais (docentes e técnicos), mas depende bastante mais da organização da sociedade e sobretudo da força anímica dos gestores.

Talvez este facto justifique o aparecimento de cursos para jovens sob designações surpreendentes, como seja o curso de «empreendedores» ou de «tecnólogos», entre outros que o Fundo Social Europeu sustenta.

Perante a realidade observável recolhe-se a esperança no ânimo das novas gerações. A sua vitalidade caracteriza a força da mudança — para melhor, se for devidamente enquadrada pelo saber da experiência. É importante distinguir estes dois aspectos complementares, pois casos há em que a idade parece desgastar e desmotivar, paradoxalmente, quando só o saber vivido deixa alcançar horizontes mais distantes no plano das realizações.

Hoje existem intenções férteis de implementação de novos projectos em múltiplas áreas, com promissores apoios financeiros e logísticos. A chamada à inovação é constante, o reclame à iniciativa não se esconde, o apelo à criatividade nunca foi tão extenso e profundo.

Todavia a resposta aos anseios proclamados revela uma elevada constante de tempo. Não se notam apetites pelo desafio. Parece que a inércia dos costumes se inoculou nas veias dos portugueses, eliminando a fertilidade das variações do banal. Só aqui ou ali desponta uma novidade que impressiona, sacode a normalidade e faz pensar quem ainda sente algum calor interno pela audácia dos empreendimentos. Quando devia haver concorrência de ideias, para se fazer a selecção mais rica. E tudo isto numa altura em que se mostra acessível realizar obra empresarial com êxito.

Estamos a pensar no modelo BIC (Business and Innovation Centre), cujo objectivo essencial é criar empresas inovadoras. Neste conceito os jovens só têm que apresentar ideias de novos empreendimentos, recebendo todo o apoio necessário ao lançamento das empresas, desde a indispensável formação em gestão, estudos de viabilidade, análises de mercado e apreciações financeiras, até ao tratamento burocrático, instalações e comunicações, consulta a bancos de dados, acessibilidade a financiamentos nacionais e provenientes da CEE. Os Centros de Empresas e Inovação (CEI) estão aí para lançar jovens empreendedores no trabalho em actividades modernas e inovadoras.

A inovação representa a característica fundamental das empresas a criar pelos BICs. Mas este conceito entende-se num âmbito muito lato: produção de algo que não seja comum no mercado nacional, produto susceptível de com-

petir com os estrangeiros (perspectiva preferencial de exportação), remodelação de processos ou alteração de metodologias que não interfiram com os serviços normais de empresas já existentes (fabricantes, projectistas, consultores, etc.).

O desafio à massa cinzenta está lançado, concretamente, para além das tradicionais doses retóricas de que «somos os melhores» (do mundo), o nosso futuro reside na «utilização da inteligência» (natural e artificial) e outros aforismos semelhantes. Agora só há que agarrar a realidade, que a oportunidade entusiasma.

A prática em vários países europeus mostrou que a porta dos BICs abre-se principalmente a actividades de informática. A razão é simples: trata-se de um conjunto que requer a agregação de poucas pessoas especializadas, será fácil produzir produtos novos, os instrumentos de trabalho são bastante acessíveis e instalam-se em pequenas áreas. Mas não significa que outras actividades não suscitem ideias inovadoras. A biotecnologia é uma, a imageria é outra e a automação também. As novas tecnologias energéticas, a burótica e o tratamento da informação exemplificam domínios tecnológicos onde a energia eléctrica e a electrónica (a microelectrónica) constituem alicerces vigorosos de construções vistosas.

Sem dúvida, apetece ser jovem.